

## **A imprensa esportiva elege os culpados para a derrota brasileira na Copa de 1950**

**Palavras-chave:** Futebol, memória, rivalidade, Copa de 1950

Prof. Alvaro Eduardo Trigueiro Americano

Grupo de Pesquisa em Comunicação, Esporte e Cultura (NUPESCEC) da Faculdade de Comunicação Social - Universidade Federal de Juiz de Fora

### **1 – INTRODUÇÃO**

16 de julho de 1950. Maracanã. Rio de Janeiro. 16 horas e 50 minutos. Quando o juiz inglês George Reader apitou para encerrar o final do último jogo da Copa do Mundo de 1950, entre Brasil e Uruguai, poucos sons eram ouvidos no estádio. Na verdade, a torcida já estava calada desde os 21 minutos do segundo tempo, quando Schiaffino completou para o gol um cruzamento de Gighia. Aos 34, em uma jogada parecida, o mesmo Gighia invadira a área do Brasil mas, ao invés de novo cruzamento, bateu forte na bola, que passou entre a trave e o goleiro brasileiro Barbosa. Uruguai campeão mundial de futebol, repetindo o feito de 20 anos antes, na primeira Copa do Mundo.

Apesar da seleção uruguaia ser na época um bom time, que já tinha vencido o Brasil diversas vezes e vendido caro as derrotas, pouca gente acreditava em um resultado diferente da vitória brasileira – uma goleada era até esperada. O próprio presidente da FIFA à época, o francês Jules Rimet, contou em seu livro de memórias que se surpreendeu com o resultado do jogo.

Faltando alguns minutos para o fim do jogo (que estava 1 x 1), deixei meu lugar na tribuna de honra e, já preparando os microfones, desci até os vestiários, ensurdecido pelos gritos da multidão. (...) Eu seguia em direção ao campo e, na saída do túnel, um silêncio desolador havia tomado o lugar de todo aquele júbilo. Não havia guarda de honra, nem Hino Nacional, nem entrega solene. Eu me vi sozinho, no meio da multidão, empurrado para todos os lados, com a taça debaixo do braço. Acabei por encontrar o capitão uruguaio e, quase às escondidas, entreguei-lhe a Copa. (FIFA.com)

A imprensa acompanhou com interesse o maior evento esportivo realizado no País. O futebol já era uma grande paixão nacional e a competição trazida para o Brasil buscava a inserção internacional e a legitimação de um ideário de *brasilidade*.

O presente artigo busca a repercussão da derrota do Brasil em 1950, através das páginas de dois jornais – O Globo Sportivo (edição de 21 de julho de 1950), do Rio de Janeiro e Mundo Esportivo (edição de 21 de julho de 1950), de São Paulo, que fazem parte da sessão coordenada apresentada no II Simpósio Internacional de Estudos sobre o Futebol, por pesquisadores do Núcleo de Pesquisa em Comunicação, Esporte e Cultura da Faculdade de Comunicação Social da Universidade Federal de Juiz de Fora, ou seja, as publicações dos dois veículos uma semana antes do início da Copa do Mundo e durante o campeonato.

Após uma breve introdução sobre um dos personagens mais polêmicos da Seleção, o treinador Flávio Costa, a atenção das pesquisas se concentrou nas questões relativas à rivalidade futebolística entre cariocas e paulistas e como foi apresentada a história da derrota brasileira sob a ótica dos dois jornais escolhidos para a pesquisa.

## **II. FLÁVIO COSTA E OS 22 CONVOCADOS**

O mineiro de Carangola Flávio Rodrigues Costa assumiu o comando técnico da Seleção Brasileira com apenas 38 anos, em 1944. Ele havia sido jogador do Flamengo (atuava no meio-campo) até meados da década de 1930. Foi treinador do próprio Flamengo entre 1934 e 1937. Retornou em 1938 e permaneceu até 1945, tendo sido tri-campeão carioca, conquistando os títulos em 1942, 1943 e 1944. Foi treinador do Vasco da Gama entre 1947 e 1950, quando ganhou os campeonatos cariocas de 1947, 1949 e 1950, além de ter levado a equipe ao título do Campeonato de Clubes Campeões Sul-Americanos de 1948.

Com uma breve passagem pelo Santos, em 1938, Flávio Costa era considerado um treinador muito ligado ao Rio de Janeiro. A convocação dos 22 jogadores para a Copa de 1950 foi encarada em São Paulo, especialmente, como uma prova da preferência do treinador por atletas que atuavam nos times cariocas. Ao todo, 14 convocados jogavam no Rio, oito no Vasco da Gama, time que era dirigido por Flávio Costa. Oito jogadores jogavam em clubes paulistas, quatro do São Paulo. Dois dos convocados vinham do Rio Grande do Sul e pertenciam ao Internacional.

Em especial, a imprensa paulista não perdoava a desproporção dos convocados, a não escalação dos paulistas que haviam sido chamados e o fato de apenas um jogo do time brasileiro ter sido marcado para o Pacaembu. O desenrolar do campeonato e, em especial, as goleadas contra Suécia (7 X 1) e Espanha (6 X 1), suavizaram um pouco essa resistência com relação à Seleção.

No Rio de Janeiro, à época capital do Brasil, o clima era de comemoração. A imprensa fazia coro com a certeza do primeiro campeonato mundial a ser conquistado pelo País e – melhor ainda – dentro de casa e no Maracanã, então o maior estádio do mundo, com capacidade na época, segundo o site da FIFA.com, para 220.000 pessoas (<http://pt.fifa.com/classicfootball/stadiums/stadium=214/>)

### **III. E O URUGUAI QUASE CALOU O BRASIL ...**

Uma ilustração do capitão uruguaio Obdulio Varella, com sua assinatura, ilustra a primeira página da edição de 21 de julho de 1950 de O Globo Esportivo, que traz como manchete “Uruguai – Campeão do Mundo”. Olhando para o alto, em contrapongée. Esse tipo de enquadramento sugere a sensação de vitória, de superioridade do elemento retratado. Nada mais apropriado para aquele momento. Era o reconhecimento da façanha do time uruguaio, em pleno Maracanã e, principalmente, do personagem que foi apontado pelos próprios companheiros como o grande comandante na conquista e no jogo final. Centroavante da seleção uruguaia naquela decisão, Óscar Miguez confirmou a importância de Varella, em especial após o gol do Brasil :

Obdulio ficou um minuto gritando com todo mundo: juiz, assistentes, os brasileiros, nós mesmos. E não largava a bola. Quando fui apanhá-la para reiniciar a partida, ele gritou ‘ou ganhamos aqui, ou eles nos matam’. Era uma ordem.  
(<http://pt.fifa.com/classicfootball/matches/world-cup/match=1190/>.)

A segunda página de O Globo Esportivo traz a exaltação ao futebol inglês. Não tanto pela sua performance na Copa, eliminados na primeira fase e derrotados pelos Estados Unidos, mas quanto à organização. O texto é uma resenha sobre a crônica de Nicolo Carosio, que cobrira a final do Campeonato Inglês para o jornal italiano “Il Calcio Illustrato”.

Ele fala da qualidade dos gramados ingleses e sobre a organização da partida. Os elogios prosseguem quanto ao comportamento da torcida que “não vai ao estádio para

ver a todo custo a bola na rede, ainda que empurrada com a mão” (O Globo Esportivo, edição 617, p 2), a pontualidade dos horários dos jogos, a atuação dos árbitros e à disciplina dos jogadores. Aos brasileiros, por conseguinte, cabia seguir os passos “civilizados” de nações mais desenvolvidas, para tentar alcançar sucesso em futuros desafios. O título da matéria era “Onde os ingleses continuam sendo reis” e buscava traçar, ainda que nas entrelinhas, uma teoria que explicasse o vice-campeonato conquistado.

Na página 5, a seção “Página de recortes” traz diversas opiniões sobre a derrota brasileira. Entre os comentários destacamos os do cronista Mário Filho, do técnico Flávio Costa e do escritor José Lins do Rego:

**MÁRIO FILHO** – Todos se deixaram dominar pelo nervosismo. Não aguentaram a ameaça da derrota. A ameaça de derrota que para os uruguaios não chegava a ser ameaça, que era um desfecho natural do match.

**FLÁVIO COSTA** – Infelizmente, não nos foi possível conter a onda de otimismo que invadiu São Januário na véspera do encontro. Não houve compreensão dos visitantes – gente do interior, caravanas imensas de “torcedores”, caravanas de políticos, cada qual falando mais alto em “campeões do mundo”, cada qual apregoando mais, com muita convicção, que o título estava no “papo”. Um desastre.

**JOSÉ LINS DO REGO** – Aquilo me doeu no coração. E de repente, chegou-me a decepção maior, a idéia fixa grudou na minha cabeça, a idéia de que éramos mesmo um povo sem sorte, um povo sem as grandes alegrias das vitórias, sempre perseguido pelo azar, pela mesquinha do destino. (O Globo Esportivo, edição 617, p 5).

Nas páginas de 8 a 11 “O Globo Sportivo” conta como aconteceu o jogo no Maracanã. Cabe ao jornalista Vasco Rocha a tarefa de explicar a vitória do Uruguai sobre o Brasil. Sob o título “Campeões do Mundo, os Uruguaios”, aparecem as fotos dos onze jogadores da seleção vencedora da Copa de 1950. O relato fala da garra dos jogadores uruguaios, da técnica e da estratégia dos vencedores, e critica a falta de orientação técnica ao time brasileiro, principalmente quanto à defesa e ao desempenho do jogador Bigode:

Bigode, porém, colocado entre Gighia e Julio Perez, descontrolou-se. Fracassou. Essa anomalia desenhava-se antes mesmo da conquista do tento de empate. Houve tempo portanto para que fosse corrigida, podia ser reparada. Mas não foi. Persistimos no erro(...) o erro clamoroso persistia, evidente, observado por duzentos mil brasileiros, anotado por 45 milhões de brasileiros, porque os locutores de rádio gritavam a plenos pulmões contra a anomalia. (O Globo Esportivo, edição 617, p 9).

O texto de Vasco Rocha, não cita o nome do técnico Flávio Costa diretamente, mas deixa claro que o time brasileiro não teve a orientação tática que permitisse se organizar em campo para fazer frente aos uruguaios. Apesar de indicar o jogador Bigode, do Flamengo, como o elo mais frágil da defesa e por onde eram feitos a maioria dos ataques e contra-ataques do Uruguai, o jornalista deixa claro que o jogador era envolvido por uma falha no esquema de jogo brasileiro, que foi determinante para o resultado. A derrota é reconhecida como justa. O Uruguai merecera vencer.

A página 13 traz a última matéria que aborda a Copa do Mundo na edição. O título busca o prêmio de consolação para a derrota dentro de campo, que havia sido indiscutível. Em “Brasil vencedor no coração do mundo”, o jornalista francês Albert Laurence fala que “ao valente Uruguai o título e a taça, ao Brasil o maior e melhor futebol” e mais “o povo brasileiro ganhou a batalha máxima: a da esportividade” (O Globo Esportivo, edição 617, p 13).

A matéria fala dos elogios do presidente da FIFA, Jules Rimet, ao mundial realizado no Brasil e do encantamento dos “peritos europeus” com relação ao nível “técnico e artístico” da seleção brasileira, em especial nos jogos contra a Suécia e contra a Espanha. Além disso, foram destacados a disciplina dos jogadores e o senso de esportividade da torcida brasileira, mesmo após a derrota no último jogo.

Por fim, o jornalista, depois de elogiar a vitória do time uruguaio – ainda que com ênfase ao favorecimento “pela sorte desde o início até o fim”, ao participar de chaves com seleções mais fracas e reações em jogos que pareciam perdidos, contra a Espanha, Suécia e Brasil – termina de forma ufanista a matéria:

Hoje preferimos concluir como começamos, afastando todo pensamento amargo para exaltar o magnífico triunfo esportivo desta inesquecível Taça Jules Rimet e a maravilhosa vitória conquistada no coração do mundo pela nossa generosa terra de adoção: o Brasil. (O Globo Esportivo, edição 617, p 13)

Desta forma, “O Globo Sportivo”, na primeira edição após o final da Copa do Mundo de 1950, procura analisar o evento e a derrota do Brasil buscando oferecer aos leitores não apenas a descrição da última partida do campeonato, mas uma análise tática do que acredita ter sido a principal falha do time nacional durante a partida. O jornal enfatiza, no entanto, que o futebol apresentado pela seleção brasileira teria sido considerado – em especial pela imprensa europeia – o melhor da IV Taça Jules Rimet, encantando a todos. O retorno financeiro também é destacado, assim como o nível geral da competição.

Em São Paulo o tom das matérias era diferente. A edição número 204 do semanário paulista “Mundo Esportivo”, do dia 21 de julho de 1950, traz na capa a fotografia do atacante inglês Tom Finney;

FINNEY foi a maior figura da Inglaterra no mundial. Um ponteiro como ainda não vimos nos últimos tempos. Finta, passa e chuta com perfeição. Seu malabarismo é o que mais empolga. Apesar de não ter jogado nas finais, FINNEY é o ponteiro esquerdo da seleção do mundial. Rendemos nossa homenagem ao grande astro. (Mundo Esportivo, edição 204, p1).

Sobre a foto do jogador inglês, o jornal publica a “Seleção do Mundial” com Barbosa, Gonzalez, Juvenal, Bauer, Varella, Andrade, Gighia, Zizinho, Ademir, Mitic e Finney. Cinco jogadores brasileiros, quatro uruguaiois, um iugoslavo e um inglês.

Ao contrário do “Globo Esportivo”, a tônica do jornal paulista é a revolta pela derrota da seleção no último jogo da Copa. Já na página 2, no editorial, o tom é forte: “S. Paulo e a tragédia”. Nele estão dispostos temas que vão ser abordados durante a edição, em diferentes matérias.

A dor da perda do título é ressaltada, enfatizada a “brasilidade” dos paulistas e sua torcida pelo sucesso do time, assim como a revolta com a sugestão de que possa ter havido alegria em São Paulo após a derrota do Brasil.

Nossa torcida não se locomoveu toda para a finalíssima só porque não havia meio de condução. De permeio, com isso, os corações se amarguraram junto às dezenas de emissoras que transmitiram o jogo. Depois de tudo, depois dos mais ingentes sacrifícios, ainda há quem diga que nós gozamos com a tragédia dos brasileiros. (Mundo Esportivo, edição 204, p2).

Além disso, o editorial lembra que o presidente da Federação Paulista de Futebol, “com seu alto espírito patriótico”, tinha feito tudo ao seu alcance para auxiliar na organização do evento.

Em suma, sob qualquer ângulo que se analise a conduta dos paulistas, ela foi brilhante, abnegada, digna. Todavia os espíritos mal-intencionados, ainda encontram palavras para acusar São Paulo. (Mundo Esportivo, edição 204, p2).

A continuação do texto defende o estádio paulista do Pacaembu e ataca a imprensa carioca, afirmando que um jornal do Rio de Janeiro havia afirmado, antes do jogo entre Brasil e Uruguai, que a seleção não deveria mais jogar em São Paulo, pois ali seria certamente derrotada.

A grande seleção deles somente saberia jogar no Maracanã! (...) Mal os jornais abriam suas colunas, cobrindo de lama os brios de São paulo, enxovalhando nossa torcida, chegava a mais deprimente derrota que os brasileiros sofreram em todos os tempos. (...) Se antes do fato consumado, isto é, sem o título garantido, fomos atingidos de todos os modos, o que poderíamos esperar se a confirmação houvesse vindo? Não sabemos! (Mundo Esportivo, edição 204, p2).

A derrota brasileira é creditada principalmente ao técnico Flávio Costa. Usando a ironia em alguns casos, como em “Confissões da bola”;

(...) estou lembrando das palavras da minha irmã carioca. Disse-me ela que a nossa defesa esteve magnífica... para os orientais, mormente pelo lado de Bigode, o tal que poderia não deixar passar ninguém(...)E o Flávio ainda tem coragem de dizer que a sorte não nos ajudou. Good bye. (Mundo Esportivo, edição 204, p2).

A imprensa carioca também não é poupada. Na seção “Eu sou do contra”, assinada por “João Teimoso”, o desabafo é quanto a uma alegada falta de respeito aos paulistas e ao que considerou um ufanismo exagerado com relação à possibilidade de vitória da seleção sobre o Uruguai;

Por que os criticóides (sic) de meia pataca não se lembraram de dizer que o negócio era difícil, como fizemos antes do jogo contra a Iugoslávia? Não, eles sacaram contra o Pacaembu, naturalmente para largar, invejosamente, sua ira contra nosso Estado, talvez mais do que para tratar de assunto futebolístico. E agora? Onde estão esses rabiscadores de artiguetes (sic)? Se o Pacaembu dá azar, o que poderíamos dizer do Maracanã?(...) E o que fez a grande torcida carioca? Aplaudiu? E o que adiantaram os aplausos? Metam a viola no saco bobocas. Dobrem a língua para falar do Pacaembu. (Mundo Esportivo, edição 204, p2).

Em “Cartas impossíveis”, a ironia continua. Escrevendo como se fosse uma carta de demissão da Confederação Brasileira de Desportos dirigida a Flávio Costa, o artigo fala de todas as facilidades oferecidas para que o treinador levasse a seleção à conquista do título. Fala ainda, sem entusiasmo, do vice-campeonato, “quando todos os estrangeiros são unânimes em afirmar que temos o melhor futebol do mundo”. Ao final do texto, a sugestão é de exílio do técnico:

(...) Manda-lo embora! Exila-lo do futebol brasileiro! Você foi nossa ruína! Acabou-se minha proteção. Vá bater em outra porta! Aqui não mais entrará. Tenho que arranjar outro(...) Receba um abraço de quem está sendo enterrada, sem estar morta, por sua causa, CBD. (Mundo Esportivo, edição 204, p2).

Na seção “Correspondência” os ataques ao treinador prosseguem. A sugestão é que Flávio Costa assuma a culpa pela derrota e nunca mais treine a Seleção;

Você é o principal culpado.(...) Todos os erros que você cometeu anteriormente foram pequenos em face da monstrosidade daquele momento, no qual, quando mais se fazia necessária a sua participação orientadora, você deu a maior, a mais evidente e irrefutável proa de incapacidade. Você se perdeu na emotividade, como um desvairado.(...) Não culpe Barbosa pelo segundo gol; não culpe Bigode pelo fracasso. (...) ponha a mão na consciência e reconheça que é o maior culpado, o culpado por tudo é você.(...) jure perante a Deus que nunca mais dirigirá nenhuma representação do Brasil. Faça isso, Flávio, porque isso fazendo você prestará ao futebol brasileiro, eu estou convicto, um grande serviço. (Mundo Esportivo, edição 204, p2).

A irritação com a não convocação de alguns jogadores e a não escalação de um jogador do São Paulo, Rui, meio de campo do São Paulo, aparece em “Erros e falhas”. Novamente o treinador é acusado de ineficiência, em especial quanto às orientações técnicas no jogo final. O artigo, não assinado, afirma que “nosso selecionado esteve, como sempre, ao Deus dará, e desta vez os santos não foram brasileiros”. A imprensa carioca também é acusada pelo excesso de otimismo, o que teria contribuído para a derrota;

Na opinião da imprensa carioca, por exemplo, somos campeões de tudo. Desta vez chegaram a circular manchetes em que se dizia que os brasileiros já eram campeões do mundo, no mais absoluto desprezo ao valor dos uruguaios.(...) se a imprensa carioca não fosse tão leviana e amiga de “patriotadas” talvez a esta hora não precisássemos estar amargando uma derrota. (Mundo Esportivo, edição 204, p2).

Ainda na página 2 da edição do “Mundo Esportivo” sobram farpas para a imprensa internacional, em especial da Suécia e Itália. Ao elogiar o comportamento disciplinar na Copa do Mundo, sem brigas, expulsões ou agressões, o jornal afirma que houve uma demonstração para o mundo “que somos um país civilizado, ordeiro e amante dos esportes”.

Agora não poderão mais escrever, nos seus jornais, que os “bugres” do Brasil costumam a devorar os seus adversários, nos gramados de futebol, para festejar as vitórias conquistadas à custa de tacapes e flechas. Não obtivemos o título, mas fizemos calar a boca dos despeitados. (Mundo Esportivo, edição 204, p2).

Na página 3 do Mundo Esportivo, no artigo assinado por Wilbrá, é explicado como ele chegou à seleção do mundial, apresentada na capa da edição, traçando um breve perfil dos escolhidos e de suas atuações na Copa do Mundo. Logo no início do



texto é buscado o testemunho da imprensa internacional, no caso a italiana, para afirmar que, mesmo após ser derrotado, o futebol do Brasil era reconhecido como o melhor do mundo.

Odilon Braz foi o autor do artigo “Drama, tragédia e ridículo!”, na página 7 de “Mundo Esportivo”. No texto são elencados “dez erros capitais” que contribuíram para a derrota do Brasil. Na maioria delas o técnico Flávio Costa está envolvido, como na convocação dos jogadores que, segundo o colunista “jamais souberam verdadeiramente ganhar a última batalha”.

O tempo perdido na concentração, sem treinar, e novamente a escolha dos jogadores utilizando um “ critério regionalista”, ou seja, preterindo atletas que não atuavam no Rio de Janeiro também eram apontadas como falhas da seleção e, em especial do treinador, que dirigiu a equipe “armado com a espada de dois gumes do absolutismo”.

Outros fatores apontados por Odilon Braz foram a “teimosia”, a soberba (desprezo com relação ao time do Uruguai no último jogo) e a “incompetência” de Flávio Costa, tanto na escalação como na orientação do time em momentos difíceis, “jogando do princípio ao fim sem um plano de defesa ou de ataque” (Mundo Esportivo, edição 204, p7)..

Também são citados o “endeusamento dos nossos craques” e a consequente atitude de ter subestimado o Uruguai “conduta da quase totalidade da imprensa carioca”, o que teria aumentado a responsabilidade dos atletas brasileiros e enfurecido os uruguaios;

Tão culpado quanto o técnico, entretanto, é a imprensa do Rio pelo absurdo comportamento que teve. Não poderia ter sido mais leviana nem mais inconsequente na sua extrema falta de habilidade. (Mundo Esportivo, edição 204, p7).

Ainda é apontada a “influência perniciosa de jornalistas na orientação do técnico”. Novamente a questão da convocação de jogadores cariocas, em detrimento de paulistas, voltava a ser apontada;

Isso aconteceu mais de uma vez, provando de sobejo sua fraqueza (Flávio Costa) (...) neste trabalho de regionalismo, acabou por prejudicar a ele próprio, depois de haver colocado à margem valores como Brandãozinho, Mauro e Pinga I, pelo simples fato de não serem do Rio. (Mundo Esportivo, edição 204, p7).

Por fim, a “superstição e feitiço” são lembrados como fatores de atraso do povo brasileiro. O fato também é atribuído aos dirigentes da época, mas com o objetivo de

novamente defender o estádio paulista do Pacaembu: “Homens que não hesitam em apontar o Pacaembu como “asa negra” da Seleção” . (Mundo Esportivo, edição 204, p7).

As páginas centrais da edição 204 de “Mundo Esportivo” são dedicadas ao jogo entre Brasil e Uruguai. “Indiferença ou turrice. Armas contra o Brasil”, faz a crônica da partida dividida em 13 itens. Na sua maioria, os momentos são concluídos com a acusação de ineficiência do treinador e, mesmo quando a análise aponta para falhas individuais dos jogadores, a crônica procura culpar as decisões ou falta delas por parte de Flávio Costa. O último item pede pela renovação do time brasileiro começando, obviamente, pela troca do técnico, mas também dos “medalhões da seleção nacional” e a convocação de jovens atletas “que têm sangue, vergonha e brio”. (Mundo Esportivo, edição 204, p9).

Prosseguindo com os comentários sobre a Copa, o jornal “Mundo Esportivo” dedica boa parte da página 12 a falar sobre a atuação de Flávio Costa e da imprensa carioca durante o campeonato. No artigo “O homem do momento”, sobre o técnico brasileiro, são repetidas as acusações quanto à sua culpa na derrota, principalmente pela falta de orientação à equipe. Em “Assim não vai” a crítica volta a ser a de que “todos queriam gozar as delícias do triunfo antecipadamente, comandados por certa ala da imprensa carioca, ávida de sensacionalismo e de manchetes fáceis”. (Mundo Esportivo, edição 204, p1 2). O único elogio da página é encontrado em “O maior do Brasil”, artigo que aponta o meio-campo Bauer, jogador do São Paulo, como o destaque da Seleção Brasileira e afirma que “os estrangeiros haviam ficado assombrados” com seu desempenho. É buscado o testemunho internacional, para confirmar a opinião do jornal;

O árbitro inglês Leaf, que dirigiu um dos jogos da seleção, afirmou categoricamente: “Em minha opinião, Bauer é o maior médio direito do mundo. Em minha longa carreira, jamais vi outro igual”. Nós afirmamos simplesmente: “Bauer é o maior do Brasil!” . (Mundo Esportivo, edição 204, p12).

Em “Contrastes e consolos”, na página 13, o semanário paulista afirma que pelo menos cinco fatos foram bem-vindos no final do campeonato. Um deles foi a supremacia do futebol sul-americano sobre o europeu e a escolha – feita pelo próprio jornal – de nove jogadores do continente, contra dois da Europa, para fazerem parte da seleção do mundial. Outros fatores destacados foram as rendas e o público presente nos jogos, além da disciplina em campo – nenhum jogador foi expulso durante o campeonato. Por fim, “Mundo Esportivo” destaca a torcida e seu comportamento em campo. Mais uma vez é utilizada a opinião estrangeira, dessa vez dos espanhóis. È

lembrado que no jogo com a Suíça, “meteram o pé a valer em nossos jogadores, em Baltazar principalmente, que é paulista e nunca houve ameaça de rebeldia dos torcedores”. (Mundo Esportivo, edição 204, p13).

#### IV. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O futebol já era em 1950 a grande preferência esportiva nacional. A Seleção Brasileira podia ser considerada a expressão máxima da paixão dos torcedores. Não por acaso o cronista e dramaturgo Nelson Rodrigues escrevia que o time do Brasil era “a pátria em calções e chuteiras, a dar botinadas e receber botinadas” (RODRIGUES, 1994, p. 103).

Se a equipe podia ser comparada aos guerreiros que representavam a nação nas batalhas do futebol e contribuía para o que se convencionou chamar de sentimento de brasilidade, também pode ser discutido a extrema rivalidade, naquela época muito destacada entre o Rio de Janeiro e São Paulo. Não por acaso, os estados eram os detentores dos poderes político – a cidade do Rio de Janeiro era a sede do Governo Federal – e econômico – São Paulo era, e ainda é, o estado mais rico da federação.

A rivalidade se estendia por diversos campos e se tornava muito visível quando o assunto era o futebol. A convocação dos atletas para a Copa de 1950 não foi diferente. Como foi visto no artigo, o técnico Flávio Costa tinha sido jogador e treinador do Flamengo e mais tarde do Vasco da Gama. A imprensa paulista o criticava pela escolha dos jogadores e por se pautar pelo regionalismo - muitos jogadores cariocas e poucas oportunidades aos atletas paulistas.

Outro fator que azedou ainda mais as relações dos jornais de São Paulo com a CBD, órgão máximo do futebol nacional na época, foi a decisão da entidade de direcionar quase todos os jogos para o recém-construído Maracanã, deixando apenas uma partida, contra a Suíça, para ser disputada no Pacaembu, em São Paulo. A imprensa carioca, por seu lado, procurava apoiar o técnico e a Seleção que, afinal de contas, tinha como base os jogadores que atuavam no Rio de Janeiro, além do técnico, que dirigia o Vasco da Gama. Para justificar a escolha do Maracanã para maioria dos jogos do time nacional, foi usada a estratégia de afirmar que o Pacaembu daria azar para a Seleção que, inclusive, tinha tido um desempenho ruim contra a Suíça, no jogo disputado em São Paulo pela própria Copa do Mundo.

O resultado final, com a derrota do Brasil acabou por expôr as questões que foram suavizadas durante a fase final do torneio, quando o Brasil goleou a Suécia e Espanha e parecia imbatível. Nas edições seguintes ao jogo final, os dois jornais analisados mostraram comportamentos distintos com relação ao resultado.

“O Globo Sportivo” fez a análise do jogo final da Copa destacando sempre a atuação do time do Uruguai, com ênfase na garra e técnica dos jogadores, além da estratégia usada para surpreender o Brasil em pleno Maracanã. Mesmo sem citar textualmente o nome do treinador Flávio Costa é a ele que se direcionam as principais críticas, pela atitude considerada passiva, sem tentar modificações táticas na Seleção.

Já o “Mundo Esportivo” elege dois culpados diretos para a derrota brasileira. De forma contundente, em quase todas as matérias, Flávio Costa é criticado. Desde a convocação, passando pela preparação e pelos jogos da Copa, o técnico é apontado como o responsável pela perda do campeonato.

Traduzindo a rivalidade existente entre São Paulo e o Rio de Janeiro, o “Mundo Esportivo” afirma que o clima de otimismo exagerado criado pela imprensa carioca e a influência sobre o técnico foram determinantes para o resultado do jogo.

Desta forma, especialmente no jornal paulista, ao analisarmos os artigos após a partida final da Copa de 1950, constatamos a presença da rivalidade e do regionalismo conforme hipótese levantada pelos pesquisadores do Núcleo de Pesquisa em Comunicação, Esporte e Cultura da FACOM/ UFJF.

#### IV - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAPRARO, André. LISE, Riqueldi. SANTOS, Natasha. **O enredo da vitória – Seleção Brasileira de Futebol e identidade nacional (1950-1970)**. Rio de Janeiro. Revista de História do Esporte. 2012.

RODRIGUES, Nelson. **A pátria em chuteiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MUNDO ESPORTIVO. Edição 204, 21 de julho de 1950. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/>; acesso em 19/03/2014.

O GLOBO SPORTIVO. Edição 617, de 21 de julho de 1950. Disponível em: <http://hemerotecadigital.bn.br/>; acesso em 19/03/2014.

Fifa.com - <http://pt.fifa.com/classicfootball/matches/world-cup/match=1190/> Arquivo da Seleção Brasileira principal - <http://www.rsssfbrasil.com/sel/national.htm> GOAL - <http://www.goal.com/br/news/5125/extra-campo/2014/02/14/4620783/morre-a-lenda-inglesa->